



Danos da pirataria

A multiplicação de variedades protegidas e a cópia de produtos utilizados no beneficiamento estão entre os fatores que resultam em prejuízos à cadeia produtiva da batata

Iniciei minha carreira como engenheiro agrônomo em uma empresa de agroquímicos. Trabalhei na promoção de um fungicida que era recomendado para diversas culturas. Adquiri boa experiência por conviver e conhecer centenas de técnicos e mais de 50 filiais da extinta Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC) – Cooperativa Central (CC), que possuía nada menos que 88 regionais.

Apesar de ter fama de pagar pouco, a cooperativa era considerada a melhor escola para todos que se lançavam na profissão. Chegou a possuir quase mil agrônomos distribuídos em todas as regiões produtoras do Brasil.

A importância da CAC-CC era indiscutível, chegou a representar mais de 70% da produção de batata, além de construir uma indústria de pré-fritas na década de 1980. Organização, iniciativa, criatividade, pesquisa, dedicação e assistência técnica eram fatores decisivos para o crescimento de milhares de produtores associados. Infelizmente por motivos relacionados principalmente à gestão e a fatores econômicos, a maior cooperativa da América Latina foi à falência.

Apesar desta “catástrofe” muitos profissionais adquiriram experiência e valores para continuar o trabalho individualmente ou em outras empresas e muitos obtiveram sucesso graças à “escola Cotia”.

No início da década de 1990 fui promovido e tive a oportunidade de residir e trabalhar na Bolívia, por três anos. Acredito que fui o primeiro brasileiro a dedicar-se em tempo integral, como se fosse uma região produtora do Brasil.

Durante neste período tive a oportunidade de aprender o idioma, conviver com a população de um dos países mais pobres do mundo e conhecer uma agricultura predominantemente atrasada em relação ao Brasil. Apesar disso, em algumas regiões a produção sem uso de fertilizantes era o dobro comparada ao Brasil (caso do trigo, da soja

e do milho).

Diferentemente da época da cooperativa, na Bolívia eu tinha que começar muitas atividades do zero, realizar adaptações ou criar novos caminhos e soluções. Frequentemente me deparava com situações em que tudo era diferente: as culturas (quinua, haba, coca etc), as variedades, os problemas fitossani-

Infelizmente, o Brasil tem sido um paraíso para os empresários que vivem de cópias, seja importando ou reproduzindo em fabriquetas de fundo de quintal

tários, os tratos culturais, os processos de mecanizações, os sistemas de irrigação etc. No entanto, um dos “itens” mais diversos era a forma crônica de trabalhar de algumas empresas ou pessoas: a “maldita” mania de copiar tudo que dava certo.

Certa vez fiquei “irritado” com um sujeito que se aproveitou de uma ideia minha e fui reclamar. A resposta foi inesquecível: “aqui na Bolívia quando uma ideia dá certo, no minuto seguinte estão copiando na próxima esquina”.

Considero este fato marcante, pois em poucos anos a empresa deste sujeito quebrou, seus produtos - apesar de serem mais baratos - nunca tinham a mesma eficiência que os originais e quebravam com frequência. Naturalmente, estes profissionais não tinham

conhecimentos suficientes para evitar estes imprevistos e consequentemente provocavam imensos prejuízos aos seus fiéis clientes.

O fator cópia é um fenômeno mundial e tem sido praticamente impossível controlá-lo. Também é decisivo para prejudicar os legítimos mercedores dos benefícios – os criadores. Um exemplo notório é a decadência da música no mundo devido à facilidade de produzir cópias piratas. Enquanto alguns picaretas ganham, os autores não recebem nada e a população tem que se contentar com sucessos antigos ou músicas “acéfalas.”

Infelizmente, o Brasil tem sido um paraíso para os empresários que vivem de cópias, seja importando ou reproduzindo em fabriquetas de fundo de quintal.

No caso da batata, quero convidá-los a refletir sobre dois itens que têm causado imensos prejuízos ao setor produtivo: a multiplicação de variedades protegidas e a cópia de produtos utilizados no beneficiamento de batata, ou seja, as “lavadeiras”.

A situação dramática do quadro de variedades de batata se deve à falta de opções de novas variedades e à situação caótica das “lavadeiras” (remendadas, ineficientes, falta de peças e de assistência técnica). Ambas tratam-se de consequências diretas da prática da cópia.

Não há dúvidas de que é necessário o pagamento de royalties às empresas que possuem variedades protegidas e comprar somente daquelas que possuem know-how para produzir as legítimas “lavadeiras”.

É preciso lutar para reduzir a tributação dos produtos que o país necessita importar e viabilizar a instalação de indústrias produtoras das “lavadeiras”. Precisamos de profissionais e empresas com know-how para criar soluções e não parasitas, empresas que copiam e repelem nossos verdadeiros aliados. 

Natalino Shymoiaima,
Gerente geral da ABBA